

COMUNICAÇÃO: DESENVOLVIMENTO DE UM SISTEMA DE ALFA-
BETIZAÇÃO DE ADULTOS *

Olavo de Faria Galvão
Deptº de Psicologia
Universidade Federal do Pará

PARTICIPANTES: Bernadette D'Oppazio Vasconcelos
Márcia Espíndola de Macedo
Nélia Ruffeil
Regina Célia de Souza Brito

Já é sobejamente conhecida a reciprocidade da relação alfabetizador-alfabetizando, professor-estudante. Essa relação, entretanto, deve ser compreendida ao nível das interações efetivamente ocorrentes, no momento a momento do processo de ensino-aprendizagem. É nas interações concretas, no cotidiano, na rotina, que se revela o papel social do professor.

Em geral os professores são bem sucedidos de uma forma intuitiva; muitas vezes são incapazes de apontar qual o aspecto de sua conduta influiu assim ou assado na aprendizagem dos alunos.

Para se ter uma idéia da dimensão do trabalho de esclarecimento quanto ao alcance das ações do professor podemos lembrar o simples fato de que a posição do aprendiz no ambiente de estudo, a disposição luz-quadro-negro-caderno-aprendiz, é muitas vezes crucial para aprendizagem de uma determinada tarefa. É muito comum o ofuscamento e mais comum ainda, a pos-

* Texto extraído de projeto submetido ao MEC/INEP para financiamento.

tura passiva do aprendiz, que não acusa o problema. (Talvez ele não esteja atinando com ele).

Em contextos como o do exemplo, o professor que age em função da "turma" está mantendo um(s) certo(s) cidadão(s) longe da oportunidade de aprender. O professor tende a dialogar com quem "entra no jogo", relegando os demais. Dizer que a turma se saiu bem em um teste, em geral, esconde uma minoria desatendida.

Outro fato, também derivado da postura seletiva adotada pelo professor, pode ser ilustrativo. Certas crianças tidas como "burras", são depois reconhecidas como míopes. Se o professor não fizer testes específicos (o que pode significar mandar para o oftalmologista) e individuais o aluno corre o risco de ficar às traças, engordando estatísticas de fracasso escolar.

A uniformidade no tratamento por parte dos alfabetizadores, desde o tipo de letra usado (ou por exemplo) até a aceitação de exercícios incorretos e a correção desatenta, passando pela exigência de habilidades não ensinadas, etc... Todos esses, e mais problemas que se evidenciam na interação concreta entre professor e aluno tem de ser levantados e reunidos de forma a ser devolvidos ao alfabetizador como instrumento de sua conscientização, não genérica, mas integradas às práticas do seu dia a dia.

No sentido de esclarecer e contribuir para tornar mais efetiva a ação alfabetizadora, pretendemos, mediante a análise minuciosa do comportamento de educadores e educandos nas condições reais em que se dão, sem perder a visão geral e o papel histórico da educação, e levando em conta nessa análise, os avanços das ciências humanas como a Economia, a Sociologia e a Antropologia, reunir dados em situação real, para facilitar aos alfabetizadores a compreensão do alcance das suas ações, da repercussão delas, nos alfabetizando.

Somente a sistemática coleta de dados em situação real vai permitir a compreensão da relação de ensino-aprendizagem. E isto falta. O que temos, em ge-

ral, são sistemas de alfabetização que se confundem com cartilhas, e que não partem de evidências detalhadas, mas de pressupostos genéricos. Por exemplo, a opção entre métodos silábicos e globais, não poderá ser feita com base no sucesso, uma vez que com ambos os métodos obtem-se a aprendizagem. Com ambos o resultado fica aquém do sucesso total.

Na verdade, o resultado final, a leitura e a escrita, não pode ser tributado a um método, mas a uma luta diária, por um certo tempo, vivida pelo aprendiz e pelo professor, ambos interagindo. E, no entanto, na quase regra geral, o professor age ingenuamente, suas ações refletindo expectativas e preconceitos. Se há um método de alfabetizar esse método se confunde com a maneira de interagir. Talvez por isso, a polarização dos tipos de interação sejam tão esclarecedoras. Dicotomias como educação bancária versus educação libertadora; professor povo versus professor policial e outras mostram tendências, e assim devem ser compreendidas. Talvez para esclarecer, valha dizer que um educador que se creia libertador começa a "abrir a guarda" de sua criticidade e aí mesmo passa a bancário. Não somos libertadores nem somos policialescos, mas nestas circunstâncias agimos assim, noutra assado. Hoje agimos de forma crítica, amanhã poderemos agir de maneira ingênua ou mesmo impositiva.

O trabalho de alfabetização propriamente dito, no qual ampliamos nossas experiências e colhemos dados para o trabalho de desenvolvimento de um sistema de alfabetização teve início em novembro de 1981, com um "treinamento" de alfabetizadores, que durou cinco dias e possibilitou a formação da equipe de seis membros, sendo um professor universitário, uma professora de 1º grau e quatro estudantes universitários, sendo três de Psicologia e uma de Filosofia. No dia 2 de janeiro de 1982, após inúmeras visitas à baixada próxima ao igarapé Tucunduba, que divide os bairros do Guamã e da Terra Firme, iniciamos as atividades do Círculo de Cultura do Centro Comunitário D. Guido Mº Confort, à margem desse mesmo igarapé.

As condições de acesso ao local são péssimas. Po- de-se chegar ou de barco, subindo o igarapé ou a pẽ. As "ruas" são passagens suspensas de madeira, as "estivas" ou "pontes" como diz o povo do local. A posse da terra é contestada, sendo todos os morado- res considerados invasores ou posseiros. A ilumina- ção das passagens é feita pelos próprios moradores que costumam deixar uma lâmpada acesa à frente da casa, que é de madeira sobre palafitas, com o asso- alho a cerca de 50 cm do chão.

Até 30 de junho quando paramos para as férias (dos alfabetizadores) já havíamos chegado a ver os fonemas l, m, p, v, d, n, j, b, t, c, s, f, r, nh, e g. O nível de aprendizado foi variável, desde e- ducandos com dificuldades muito grandes até outros que acompanharam com facilidade. A lentidão da evo- lução dos trabalhos se deve, além das falhas devi- das à chuva, ao cuidado da equipe em não deixar que os educandos mais atrasados perdessem o fio da mea- da. A assistência individual e a determinação de ta- refas ao nível de competência atual do educando fo- ram, tanto quanto possível, adotadas.

O material didático utilizado foi: cadernos, lá- pis ou caneta, borracha, quadro negro e giz, carto- lina e pincel atômico. A maior parte dos exercícios era rodada em duplicador a álcool, com matriz execu- tada a mão.

Os exercícios elaborados pela equipe, e rodados no duplicador à álcool, além de um relatório diário de atividades nos permitem uma visão da evolução dos trabalhos, tanto ao nível da equipe alfabetiza- dora como ao nível individual. Reuniões de planeja- mento permitem aos alfabetizadores uma constante au- to-crítica e a definição dos próximos passos.

A opção pelo método artesanal na elaboração do material se deve ao fato da equipe estar tentando e- laborar exercícios tanto quanto possível com termos e assuntos relevantes para os alfabetizando. Tam- bém, essa opção permite uma flexibilidade muito grande de decisão sobre o que fazer, de forma que os exercícios são feitos muitas vezes em função de

necessidades imediatas como, por exemplo, a de exer- citar aos que já atingiram um determinado nível en- quanto os mais atrasados são atendidos. Ainda como resultado da utilização de um método artesanal, sa- lienta-se a diferenciação entre os diferentes círcu- los de cultura e, até mesmo, a facilidade de se mo- dificar os procedimentos, por parte de uma mesma equipe, ao retomar algum tópico com novos alfabeti- zandos.

Atualmente, além do círculo do Tucunduba, como o chamamos, está em funcionamento o círculo da 25 de junho, que funciona na rua 25 de junho, também no bairro do Guamã, no centro comunitário. Esse segundo círculo está sendo animado por uma equipe de seis pessoas, das quais cinco são acadêmicos de psicolo- gia e um professor de 1º grau. Essa equipe formou-se quando do 2º "treinamento" de alfabetizadores, ocor- rido em maio de 1982. Outra equipe formada nesse mes- mo 2º treinamento, está ainda tentando organizar um círculo no Jurunas onde enfrenta dificuldades para conseguir local.

Uma característica que também distingue nosso trabalho é o fato de haver uma equipe de animadores para cada círculo, ao invés de um único animador. Aparentemente isso poderia resultar em dois transtor- nos: o problema de rodízio de alfabetizador poderia redundar em solução de continuidade do processo de alfabetização; outro problema seria o do caráter an- ti-econômico, já que a realidade é a da falta de pro- fessores. Quanto à solução de continuidade em função do rodízio, os problemas são minimizados mediante a utilização do relatório diário, onde na parte final, constam as observações a respeito do que fazer no dia seguinte, além das reuniões de equipe onde são equacionados os problemas e se discute a uniformida- de de procedimentos dos alfabetizadores.

As diferenças individuais entre os alfabetizado- res, desde que respeitados alguns pontos uniformes, é benéfica. As preferências individuais, que no caso do animador único ficam praticamente estacionárias, com a equipe se tornam mais variadas e variáveis, en-

riquecendo o relacionamento entre alfabetizadores e alfabetizados.

Quanto a característica anti-econômica da "equipe" de animadores ressaltamos que na atual conjuntura, em que oficialmente sô existe o Mobral, que é uma agência do governo extremamente nociva para a causa da alfabetização, tendo em vista seus métodos cristalizados e indiferentes à realidade do alfabetizando, nessa conjuntura, apenas podemos contar com o trabalho voluntário. É muito mais fácil conseguir uma equipe que, em sistema de rodízio, dê conta de todos os horários, do que um indivíduo com total disponibilidade.

O universitário tem sido um cidadão deixado à parte pela sociedade. No entanto, ele pode dar sua contribuição em várias diferentes atividades relevantes para a sociedade, sendo que tais atividades podem servir a ele como meio de treinamento. Para que isso se dê, entretanto, é necessário remover algumas barreiras como a rigidez curricular que confunde ensino com aulas; como a dificuldade de se modificar os currículos e a falta de apoio financeiro até para a passagem de ônibus dos voluntários. Entre outras.

A necessidade do desenvolvimento de um sistema de alfabetização hoje se justifica na medida em que a sociedade civil vai se organizando e o problema do analfabetismo se impõe como um dos primeiros a ser resolvidos. A par da massiva literatura demonstrando o papel da escola e definindo a escola nova, a escola que se quer, há uma enorme lacuna de informação e apoio aos que militam dentro das salas de aula e não conseguem unir o particular de seu dia a dia com o geral da sociedade.

Este trabalho pretende auxiliar o educador alfabetizador sem lançar mão de institucionalização ou de outros papéis como profissionais de educação a não ser o papel do professor. Pretende-se restituir ao professor sua integridade de agente histórico num momento em que mesmo ao se falar de escola nova se fala a partir de gabinetes assépticos, para um professor considerado como um novo repassador de conhe-

cimento e aplicador de material "de qualidade" feito alhures. Pretende-se auxiliar o alfabetizador a conversar com os alfabetizados de forma produtiva, para retirar da fala a leitura e a escrita da própria realidade do alfabetizando e elaborar eles mesmos o material didático. Talvez dessa forma, além de contribuir para que o alfabetizador e os alfabetizados sejam mais responsáveis e participantes da educação, estejam começando a inverter o processo sempre adotado de se reunir pequenos grupos para decidir e produzir a educação que deve ser decidida e produzida pelos próprios envolvidos.